



A centralidade da ressurreição para a fé cristã: A perspectiva Bultmaniana

Alessandro Rodrigues Rocha¹

1. Introdução

O lugar da ressurreição não é a história, mais a fé pascal dos primeiros Discípulos. Ou ainda, “O último dado ao alcance da ciência histórica é a fé pascal dos primeiros Discípulos”². Nessa percepção sintética encontra-se o coração mesmo das proposições bultmanianas acerca da ressurreição.

Esse acento sobre a experiência de fé dos primeiros Discípulos está em continuidade com o deslocamento de eixo de toda a teologia neotestamentária de Bultmann. Esse deslocamento move do centro da teologia a figura de Jesus de Nazaré, colocando ali a querigma. Em suma, o histórico factual é substituído pela palavra como lugar da fé cristã.

Como interpreta Rosino Gibellini:

*Mas como se realiza o evento da salvação? Onde encontrar Cristo? Na palavra anunciada e ouvida na fé: no querigma cristão*³.

A palavra é o lugar da existência autêntica, onde a fé é entendida como liberdade perante o mundo, abandono radical a Deus, nova compreensão de si mesmo que abra caminho e confere clareza. É na palavra que se dá a renovação da existência⁴. O querigma, por sua vez, tem como núcleo a fé pascal.

¹ Doutorando em teologia sistemática pela PUC-Rio, coordenador acadêmico da FATERJ.

² BORNKAMM, Günther. *Jesus de Nazaré*. p. 295.

³ GIBELLINI, Rosino. *Teologia do Século XX*. p. 40.

⁴ Cf. GIBELLINI, Rosino. *Op. Cit.* P.38.

A palavra da fé é a palavra pascal que lança luz sobre toda a realidade evangélica.

No intuito de compreender o que significa em Bultmann essa centralidade da ressurreição no querigma cristão, procederemos num itinerário que nos levará da constituição metodológica da teologia bultmaniana (relação com a teologia liberal e o existencialismo heidgeriano), ao seu projeto de demitização. Para então podermos perceber como ele entende a ressurreição e, como esta opera na fé cristã.

2. A teologia existencial de Bultmann

2.1. Bultmann e a teologia liberal

Até 1924, Bultmann⁵ se define como teólogo liberal⁶. Contudo, a partir da segunda metade da década de 20, quando publicou o ensaio *A teologia liberal e o mais recente movimento religioso*, passa a considerá-la uma reflexão que diviniza o homem e desvia-se do seu objetivo teológico⁷. Essa crítica de Bultmann à teologia liberal, marca sua entrada na teologia dialética.

Nesta corrente teológica enfatiza-se a transcendência de Deus. Karl Barth chegou a ser conhecido como o teólogo do ‘totalmente Outro’. Sua teologia não busca uma atitude conciliadora, como era o caso da teologia liberal, mas, antes, se constitui como uma teologia da crise, sem possibilitar nenhuma conciliação entre Deus e o Mundo, Deus e o homem. Esse modo de pensar traz questões sérias para a teologia: como conceber a realidade da revelação cristã? Como se concebe a unidade entre a realidade divina e a realidade humana? Como fazer agora após a substituição da tradicional compreensão metafísica da realidade pela compreensão histórica? Como o anúncio cristão pode se apresentar historicamente e ser ao mesmo tempo imperativo e certo?

⁵ Rudolf Bultmann⁵ nasceu em 20 de Agosto de 1884 em Wefelstede (Oldenburg), sendo filho de pastor protestante. Foi colega de Karl Jaspers nos estudos secundários. Fez os estudos superiores em Tübingen, Berlin e Marburgo, laureando-se em 1910, sob a orientação de Johannes Weiss. Em 1916 foi professor extraordinário em Breslau, indo em 1920 para Giessen e Marburgo em 1921. Sua tese defendida em 1910 tinha por título *O estilo da pregação paulina e a diátribe cínico-estoica*.

⁶ O termo “teologia liberal” foi utilizado pela primeira vez pelo teólogo de Halle, Johann Salomo Semler (1725-1791). Esta tendência teológica nasce do encontro do liberalismo com a teologia protestante. As suas características são: 1) assunção vigorosa do método histórico-crítico e de seus resultados; 2) relativização da tradição dogmática da igreja particularmente da cristologia; 3) leitura predominantemente ética do cristianismo (...) visava harmonizar a religião cristã com a consciência cultural da época (cf Rosino Gibellini p. 19).

⁷ Cf. CAVALIERI, Edebrande. *A Teologia existencialista de Bultmann como expressão do pensamento moderno*. In *Teologia e Modernidade*, p. 101-136.

Todas essas questões não se apresentavam somente à pesquisa científica, elas tocaram violentamente toda a realidade da primeira metade do século XX. Se o século XIX representou o mais alto grau de otimismo (que ficou notório na teologia liberal), o seguinte foi açoitado por inúmeras crises, conflitos bélicos, governos totalitários, em suma, uma radical descrença nos poderes constituídos, e uma patente falência nas formas metafísicas de dizer a realidade.

2.2. *Bultmann e o existencialismo*

O existencialismo é, em grande parte, fruto desse desespero humano, ou melhor, este cenário produziu o ambiente que proporcionou uma reflexão filosófica que levasse em conta esse contexto. O pessimismo irá desembocar na convocação de uma subjetividade histórica capaz de construir e realizar novos projetos de humanidade⁸.

Ao falar do existencialismo Sartre afirma: “é uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda a verdade e toda a ação implicam um meio e uma subjetividade humana”⁹. Antes do advento do existencialismo, o modo de pensar tradicional afirmava que no homem assim como na natureza em geral a essência sempre se define antes da existência. Somente Deus possui a antecedência da existência. Sartre dirá que “se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito e que esse ser é o homem ou como diz Heidegger, a realidade humana”¹⁰.

Bultmann retoma esse princípio e afirma: tens que existir! Sem essa decisão ninguém pode entender uma só palavra da Bíblia que interpela a existência pessoal. Por isso, “escutar a palavra da Bíblia é algo que só pode ocorrer na decisão pessoal”¹¹.

Nessa altura se faz necessário introduzir um outro tema da teologia de Bultmann (sem dúvida o mais importante de todos): a demitização. Sendo a palavra o sacramento por primazia, carece em todo o tempo ser interpretada. A interpretação, porém, não é qualquer interpretação, antes uma de caráter antropológico. Com isso Bultmann está assumindo radicalmente o homem – entendido na mediação existencialista – como sujeito a quem se dirige a revelação.

⁸ Cf. *Ibidem*. p. 105.

⁹ SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. In *Coleção Os pensadores*. p. 4.

¹⁰ *Ibidem*. p. 6.

¹¹ BULTMANN, Rudolf. *Jesus Cristo e a Mitologia*. In *Demitologização*. p. 77.



Uma questão básica, portanto, é se essa revelação faz sentido ao homem da modernidade. Porque, se não faz sentido, também não o interpela, e se não interpela não é lugar de encontro com o revelado. Para que a palavra seja querigma ela precisa ser interpretada para o horizonte de cada tempo. Fazer isso para um tempo moderno consiste, portanto, demitizá-la. Essa questão é crucial para Bultmann:

Tudo isso é linguagem mitológica. Os elementos individuais podem ser facilmente descobertos na mitologia contemporânea da apocalíptica judaica e no mito gnóstico da redenção. Em se tratando de linguagem mitológica, ela é inverossímil para o ser humano de hoje, pois para este a concepção mítica do universo é algo passado. Portanto, a proclamação cristã de hoje se encontra diante da pergunta se ela espera do ser humano a aceitação da concepção mítica do universo passado, quando o conclama à fé. Se essa condição é algo impossível, então lhe surge a pergunta se a proclamação do Novo Testamento possui uma verdade independente da concepção mítica do universo. Seria então a tarefa da teologia demitizar a proclamação cristã¹²

3. A questão da demitização como hermenêutica atualizadora do querigma

Na verdade é preciso entender que a concepção do universo do Novo Testamento é mítica, como diz Bultmann. E, “Se quisermos, portanto, manter a validade da proclamação do Novo Testamento, então só nos resta um único caminho: o de sua demitização”¹³.

Como observa Rosino Gibellini, a tarefa da demitização é dupla: de um lado está sua via negativa, “de crítica da imagem do mundo como expressa no mito, e, conseqüentemente, da imagem mítica do mundo tal como expressa na Bíblia”¹⁴. Do outro lado se encontra a via positiva, “de esclarecimento da verdadeira intenção do mito e da verdadeira intenção das Escrituras bíblicas”¹⁵.

3.1. O mundo mítico do Novo Testamento

Demitizar não significa escolher partes do Novo Testamento que deveriam ser cortadas em função da sua incompreensão para o homem moderno.

¹² BULTMANN, Rudolf. *Novo Testamento e a Mitologia. In Demitologização*. p. 7.

¹³ *Ibidem*. p. 13

¹⁴ GIBELLINI, Rosino. *Op cit.* p.35.

¹⁵ *Ibidem*.

Demitizar é, antes, uma tarefa que toma todo o Novo Testamento, já que a imagem mítica do mundo apresentada nele é um *a priori* que enquadra todo o conteúdo e envolve toda a mensagem¹⁶.

A concepção do universo do Novo Testamento é mítica. O universo é considerado como dividido em três andares. No meio se encontra a terra, sobre ela o céu, abaixo dela o mundo inferior. O céu é a moradia de Deus e das figuras celestiais, os anjos; o mundo inferior é o inferno, lugar de tormento. Mas também a terra não é só lugar do acontecer natural e cotidiano, da providência e do trabalho, que conta com ordem e lei; é também cenário de poderes sobrenaturais, de Deus e de seus anjos, de Satã e de seus demônios. Os poderes sobrenaturais interferem nos acontecimentos naturais e no pensar, querer e agir do ser humano¹⁷.

Como vemos, o que preocupa Bultmann não é o que faz da ação de Deus algo objetivo, mas que a mensagem do Novo Testamento, envolta deste modo numa compreensão pré-científica do mundo, permanece oculta para o homem moderno. Bultmann expressa essa sua percepção de forma bastante aguda quando afirma:

Não se pode utilizar luz elétrica e aparelho de rádio, em casos de doença empregar modernos meios médicos e clínicos, e simultaneamente acreditar no mundo dos espíritos e dos milagres do Novo Testamento. E quem supor que o pode para sua pessoa, deverá se dar conta de que se declará-lo como a postura da fé cristã, estará com isso tornando incompreensível e impossível a proclamação cristã no presente¹⁸.

3.2. A verdadeira intenção do mito e das Escrituras Sagradas

A eliminação dos elementos mitológicos não é simplesmente um requisito da erudição, ou uma empresa negativa. Tem também seu aspecto positivo em sua exigência de que a fé se encarne no homem de hoje como se encarnou nos homens de todas as épocas.

O verdadeiro sentido do mito não é proporcionar uma concepção objetiva do universo. Ao contrário, nele se expressa como o ser humano se compreende em seu

¹⁶ Bultmann dedica uma seção de seu *Novo Testamento e a mitologia* para tratar da tarefa da demitização, e, diz que está não consiste nem em seleção nem em cortes, mas, antes, numa total re-interpretação da mensagem do Novo Testamento para a humanidade de hoje.

¹⁷ BULTMANN, Rudolf. *Op cit.* p. 5.

¹⁸ BULTMANN, Rudolf. *Op cit.* p. 9.

*mundo. O mito não pretende ser interpretado cosmologicamente, mas antropologicamente – melhor: de modo existencialista*¹⁹.

Bultmann pensa que a filosofia existencialista provê o instrumento necessário para re-interpretar a mitologia do Novo Testamento, sem, com isso, despojar o querigma de seu caráter essencial. O existencialismo não busca ‘verdades eternas’, mas busca a verdade de acordo com sua encarnação no concreto, no histórico, na existência. Isso o faz particularmente adaptado às necessidades da demitização do Novo Testamento²⁰.

Que é, então, que deve se fazer com o *a priori* mítico neotestamentário? Considerá-los de modo existencial, a saber, procurar descobrir o sentido existencial que o texto pode oferecer. Demitizar, portanto, não significa negar os mitos, mas, interpretá-los existencialmente na perspectiva do homem moderno. Dessa tarefa depende o querigma cristão.

Em suma, a intuição de Bultmann quanto à demitização é bastante simples: a mensagem cristã, que se encontra comunicada numa linguagem própria de determinada cosmologia, precisa ser comunicada a outras realidades. Porém, nesse momento o próprio mito (como linguagem possível de um tempo) é confundido com a mensagem.

Portanto, a razão para a crítica do mito encontra-se no próprio mito, isto é, em suas concepções objetivantes, na medida em que sua verdadeira intenção de falar de um poder transcendente ao qual o mundo e o ser humano estão sujeitos é inibida e encoberta pelo caráter objetivante de suas afirmações.

*Por isso, também a mitologia do Novo Testamento não deve ser inquirida quanto ao seu conteúdo conceptual objetivante, mas quanto à compreensão da existência que se expressa nessas concepções. O que está em jogo é a verdade dessa compreensão, e sua verdade é afirmada pela fé, que não deve ser comprometida a aceitar o universo conceptual do Novo Testamento*²¹.

Todo esse instrumental hermenêutico é efetivamente utilizado numa dupla intenção: na perspectiva do biblista, que quer saber o que diz realmente o Novo Testamento; e na perspectiva do teólogo, que se pergunta o que tem a dizer o Novo Testamento para o homem de hoje.

¹⁹ Ibidem. p. 14.

²⁰ Cf. MACKINTOSH, H.R. *Op cit.* p.368-370.

²¹ BULTMANN, Rudolf. *Op cit.* p.15.

4. Ressurreição na perspectiva bultmaniana: a centralidade da fé pascal

“O ressurreto vem ao encontro na palavra pregada, e só nela. “Assim, a fé vem pela pregação, e a pregação pela palavra de Cristo”(Rm10.17)²²”. O Cristo ressurreto nos vem pela palavra da pregação e convoca-nos à fé. Não há meio pelo qual a história possa dar provas da ocorrência da ressurreição. “Podemos somente encontrar o Cristo ressurreto na pregação que a Igreja faz neste mundo”²³.

Aqui se encontra o ponto mais alto de nossa reflexão: a demitização quer revelar o querigma, que encerra a mensagem cristã desde seu núcleo: a ressurreição como evento escatológico. Na ressurreição de Cristo, também nós somos ressuscitados, porém, essa novidade de vida não pode ser acessada como evento histórico-fatual, mas, como evento histórico, somente à medida que se torna lugar para a história de salvação da humanidade que faz a experiência do Cristo ressurreto em perspectiva existencial.

*A proclamação da cruz como evento salvífico desafia o ouvinte a se apropriar de tal significado, deixando-se crucificar com Cristo (...) A ressurreição de Cristo, porém, não é ela um evento mítico por excelência? Em todo o caso, ela não é um evento histórico-fatual que devêssemos entender em sua significação. Pode o falar da ressurreição de Cristo ser outra coisa do que a expressão da significação da cruz? Expressaria alguma outra coisa do que isto, que a morte de Jesus na cruz não deve ser encarada como um morrer humano, mas como o juízo libertador de Deus sobre o mundo, o juízo de Deus que como tal tira o poder da morte? Não se expressa precisamente essa verdade na afirmação de que o crucificado não permaneceu na morte, mas ressurgiu?*²⁴.

4.1. A centralidade do evento pascal para a fé cristã

Bultmann assume o evento pascal (cruz e ressurreição) como elemento central da fé cristã, sem o qual esta não passaria dos primeiros momentos de sua existência. “De fato: cruz e ressurreição constituem como acontecimento ‘cósmico’ uma unidade, como é expressado, por exemplo, na seguinte frase: ‘o qual foi entregue por causa das nossas transgressões, e ressuscitou por causa da nossa justificação’(Rm 4.25)²⁵”.

²² Ibidem. p. 46.

²³ HORDERN, William. *Teologia Contemporânea*. p. 249.

²⁴ BULTMANN, Rudolf. *Op cit.* p. 41-42.

²⁵ Ibidem. p. 42.

É verdade, que se poderia fazer uma crítica a Bultmann, no sentido de questioná-lo pela verificação histórico-fatual desse evento fundamental da fé cristã. Ou ainda perguntar de onde teria surgido essa fé relacionada com a ressurreição de Jesus dentre os mortos, e até mesmo sobre as passagens acerca do túmulo vazio. Bultmann não se cansa de responder, diante de tais questões, que, dessa forma, o que se estaria desejando é obter segurança a partir do mundo objetivo.

*Tudo que as pesquisas não podem provar é que os Discípulos se tornaram crentes na ocorrência da ressurreição de Jesus de entre os mortos e saíram pelo mundo pregando que ela tinha acontecido. Isso jamais persuadirá o céptico à fé. Ele pode tentar explicar tudo psicologicamente. Mas, enquanto isso acontece, o indivíduo que insiste na possibilidade de provar historicamente a ressurreição estará revelando desconhecimento do elemento que realmente interessa. A fé relacionada com a ocorrência da ressurreição de Jesus significa a mesma coisa para nós que significou para os primeiros Discípulos*²⁶.

Esse deslocamento que Bultmann faz do lugar teológico da ressurreição (da história para a Graça de Deus, que se revelando no Cristo ressurreto funda a possibilidade da existência autêntica), a coloca no centro mesmo de todo o seu sistema teológico. É no evento pascal que o querigma se encontra em seu momento pleno. E, é sobre essa plenitude querigmática que a interpretação/demitização deve se dar, revelando dessa forma, uma possibilidade renovada ao homem de hoje de fazer a experiência da existência autêntica. A páscoa de Cristo é revelação da graça de Deus.

*Esta claro que o evento salvífico da morte e ressurreição de Cristo é o ato da graça proveniente de Deus, e que as diferentes locuções, nas quais é descrito esse ato, têm por finalidade expressar o inaudito desse acontecimento e seu poder que transforma radicalmente a situação humana. É um evento realizado exclusivamente a partir de Deus, para o ser humano nada mais do que dádiva, por meio de cuja recepção ele é libertado do perverso desígnio de ganhar sua vida, seu eu – no que ele justamente a perde -, para recebê-la como presente na justiça de Deus*²⁷.

Esse que é o ato supremo da graça de Deus, não pode ser apreendido em nenhuma outra instância menos profunda que a existência humana, por meio da experiência com a palavra anunciada. Não serão as provas históricas, arqueológicas ou jurídicas que revelarão ao homem a vida autêntica, mas

²⁶ HORDERN, William. *Op cit.* p. 250.

²⁷ BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento.* p. 361.



somente a experiência que atravessa a existência rompendo dessa forma todas as camadas de exterioridade.

A cruz e a ressurreição de Jesus são para a fé cristã, portanto, o evento escatológico no qual se pode passar da morte à vida. Porém, é necessário ainda explicitar, embora já tenhamos antecipado alguns elementos, como que se pode fazer essa passagem, qual o lugar teológico onde pede ser realizada. É o próprio Bultmann quem identifica esse lugar, dando a ele toda a importância:

Assim, somos remetidos de volta a essa questão: como se pode depreender da cruz ser ela a cruz de Cristo, o evento escatológico? Como chegamos a crer na cruz como evento salvífico?

Aqui me parece haver apenas uma resposta: por ser assim proclamada, porque é proclamada como a ressurreição. Cristo, o crucificado e ressurreto, se nos confronta na palavra da proclamação, em nenhum outro lugar. Justamente a fé nessa palavra é em verdade a fé pascoal²⁸.

4.2. O querigma como lugar teológico da ressurreição

No que tange a esse específico lugar teológico da ressurreição, bem como ao acesso exclusivo a ele via interpretação antropológico-existencial, e, de todo o seu poder de autenticidade existencial, Bultmann é bastante claro e incisivo:

Entraríamos num beco sem saída se nesse ponto quiséssemos retroceder, perguntando pela origem histórico-fatual da proclamação, como se esta pudesse evidenciar sua legitimidade. Isso significaria: querer fundamentar a fé na palavra de Deus mediante pesquisa historiográfica. A palavra da proclamação se nos confronta como palavra de Deus, diante da qual não podemos fazer perguntas de legitimação, mas que apenas pergunta a nós se queremos crer nela ou não (...) Fé e descrença não são, por isso, resolução cega e arbitrária, mas um sim ou um não compreensivo²⁹.

Esse evento que toca as dimensões mais profundas da existência humana, o faz exatamente porque se encontra numa dimensão última dessa existência. “Localizando” esse ponto central da fé cristã para além das objetivações racionalistas do iluminismo e de seu correlato teológico, teologia liberal, Bultmann pretende ao mesmo tempo dar conta das inquietações bí-

²⁸ Ibidem. p. 44.

²⁹ Ibidem.

blicas e teológicas. Assumindo a dimensão mitológica do Novo Testamento, a fim de interpretá-lo em dimensão antropológico existencial, ele pôde tanto afirmar a mensagem essencial do evento pascal, como mostrar sua atualidade para a humanidade cética da modernidade.

Bultmann reclama à fé a condição de ponto de partida para a existência cristã. Coisa que vinha sendo alienada ao cientificismo histórico-crítico da teologia liberal. É a palavra proclamada quem pode apresentar o mistério da fé, e, é esta fé quem conduzir a humanidade a uma existência autêntica. A aceitação da ressurreição daquele que com a morte derrotou o pecado, confere, como evento escatológico, a vida ressurreta aos que crêem. Como argumenta o próprio Bultmann:

A verdade da ressurreição de Cristo não pode ser compreendida antes da fé que reconhece o ressurreto como Senhor (...) Mas ela pode ser crida – e somente desta maneira – na medida em que ela ou o ressurreto está presente na palavra anunciada (...) Pois Cristo não está presente no querigma como uma grande personalidade histórica está presente em sua obra e em sua atuação histórica. Pois não se trata de um efeito que acontece na história, e sim do fato de que uma pessoa histórica e seu destino estão alçados ao nível de acontecimento escatológico³⁰.

Não estivesse bastante claro a centralidade do evento pascal no querigma cristão, e na fé que dele (e só dele) decorre, evocamos finalmente uma última fala de Bultmann com a qual abre sua monumental *Teologia do Novo Testamento*:

Fé cristã, no entanto, existe só a partir do momento em que existe um querigma cristão, isto é, um querigma que proclama a Jesus Cristo como ato salvífico escatológico de Deus, ou seja, Jesus Cristo, o crucificado e ressurreto. Isso só viria a acontecer no querigma da comunidade primitiva, e não já na pregação do Jesus histórico, embora muitas vezes a comunidade tivesse introduzido, no relato sobre ela, elementos de seu próprio querigma³¹.

5. Uma conclusão ou uma chave para ler a demitização bultmaniana

Uma das questões mais difíceis para compreender o pensamento de Bultmann, sobretudo, no que tange ao seu grande empreendimento teológico que é a demitização, é, sem dúvida, sua concepção de mito. No intuito de

³⁰ BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. p. 373.

³¹ *Ibidem*. p. 40.

lançar alguma luz sobre esse ponto que, por vezes, se mostra obscuro apontaremos três maneiras de lidar com a mitologia presente na Escritura cristã³².

A primeira é simplesmente aceitá-la literalmente e, em grande medida é isto que faz o fundamentalismo. Mas, como observou Bultmann, isso é obviamente impossível para o homem moderno tendo em vista o atual conceito científico da realidade.

A segunda maneira de tratar com a mitologia do Novo Testamento é aquela do liberalismo teológico: rejeitar os elementos míticos do Novo Testamento. A teologia liberal se esforçou para conservar a mensagem do neotestamentária, porém acabou por reduzi-la a um conjunto de preceitos éticos.

Uma terceira maneira de tratar a mitologia do Novo Testamento é a que Bultmann assumiu em sua tarefa de demitização: ao invés de aceitar a mitologia de modo literal ou de rejeitá-la, é preciso interpretá-la com o auxílio da filosofia existencial de Heidegger. Faz-se necessário, nesse sentido, levar o mito a sério, assumi-lo como portador de uma mensagem que precisa ser extraída com seus conteúdos existenciais.

Com essa chave de leitura é mais fácil compreender como Bultmann encarou o Novo Testamento na grande tarefa de anunciar o querigma cristão aos homens e mulheres de seu tempo.

Alessandro Rodrigues Rocha

Doutorando em Teologia pela PUC-Rio
Coordenador Acadêmico da FATERJ

Bibliografia

- BORNKAMM, Günther. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Editora Teológica, 2005.
- BULTMANN, Rudolf. *Demitologização: coletânea de ensaios*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- _____. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2004.
- ERICKSON, Millard J. *Opções Contemporâneas na Escatologia*. São Paulo: Vida Nova, 1982.
- GADAMER, G. *Maestri e compagni nel cammino del pensiero: um sguardo retrospectivo*. Brescia: Queriniana, 1980.
- GIBELLINI, Rosino. *Teologia do Século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

³² Cf ERICKSON, Millard J. *Opções Contemporânea na Escatologia*. p. 30-43.



- HIGUET, Etienne A. (org). *Teologia e Modernidade*. São Paulo: Ed. Novo Século, 2005.
- HORDERN, William E. *Teologia contemporânea*. São Paulo: Hagnos, 2003.
- MACKINTOSH, H.R. *Teologia Moderna*. São Paulo: Ed. Novo Século, 2002.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril cultural, 1978. Coleção *Os pensadores*.